



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III, GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

DÉBORA DE SOUSA MELO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19:
Desafios enfrentados pelos Docentes nas Aulas Remotas no Ensino Básico na
Cidade de Sapé-PB**

**GUARABIRA
2022**

DÉBORA DE SOUSA MELO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19:
Desafios enfrentados pelos Docentes nas Aulas Remotas no Ensino Básico na
Cidade de Sapé-PB**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de Pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania.

Orientadora: Profa. Me. Ana Carla dos Santos Marques

GUARABIRA
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M125e Mélo, Débora de Sousa.

O ensino de geografia no cenário da pandemia da Covid-19 [manuscrito] : desafios enfrentados pelos Docentes nas Aulas Remotas no Ensino Básico na Cidade de Sapé-PB / Débora de Sousa Mélo. - 2022.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Ana Carla dos Santos Marques ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Covid-. 3. Docente. 4. Ensino Remoto. I. Título

21. ed. CDD 910

DÉBORA DE SOUSA MELO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19:
Desafios enfrentados pelos Docentes nas Aulas Remotas no Ensino Básico na
Cidade de Sapé-PB**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de Pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania.

Aprovada em: 29/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Ana Carla dos Santos Marques (Orientadora)
Mestre em Geografia/UFRN
Professora Substituta DGEO/UEPB - Campus III



Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva (Examinador)
Doutor em Geografia/UFPB
Professor Substituto DGEO/UEPB - Campus III



Prof.ª Dr.ª Angélica Mara de Lima Dias (Examinadora)
Doutora em Geografia/UFPB
Professora DGEO/UEPB - Campus III

Dedico este trabalho à minha mãe por todo apoio nesta caminhada e por ser a minha verdadeira inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por estar sempre ao meu lado, me dando força e graça para continuar em busca do meu propósito e por eu ter chegado até aqui.

Sou grata aos meus pais Fátima e Clóvis, e aos meus irmãos Bruna e Artur por serem minha base, meu acolhimento nos momentos felizes e em meio as angústias. Por sempre me ajudarem mesmo sem compreender muitas vezes, muito obrigada.

Ao meu namorado Adrielson, que é meu fiel amigo e companheiro, meu grande incentivador nesse processo de graduação e de TCC. Obrigada por ser meu apoio.

Aos meus amigos Yasmin e Janiel, que foram meus companheiros de trajetória acadêmica, na qual enfrentamos muitos desafios juntos e conseguimos superá-los em equipe. Eu agradeço também ao meu amigo Murilo, por todas as conversas e pela irmandade.

Gratidão a minha professora e orientadora Ana Carla, pela contribuição e paciência.

Agradeço aos meus professores (as) do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB (Campus III), pela minha formação e desenvolvimento profissional.

E muito obrigada a todos os docentes que se disponibilizaram a participar da minha pesquisa. Cada participação foi de extrema importância para a construção da etapa final do meu trabalho.

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram”. - *Jean Piaget*

MELO, Débora de Sousa. **O Ensino de Geografia no cenário da pandemia da Covid-19: Desafios enfrentados pelos docentes nas aulas remotas no ensino básico na cidade de Sapé-Pb.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), UEPB. Guarabira, 2022.

RESUMO

O ensino de Geografia busca integrar o espaço e a realidade por meio das aulas e das atividades direcionadas aos estudantes, fortalecendo a construção do conhecimento sobre o mundo. Com o surgimento da pandemia da Covid-19, o isolamento social se tornou a principal medida sanitária de contenção da disseminação do vírus SARS-COV-2, impondo o fechamento das escolas para preservar o bem-estar da comunidade escolar, e conseqüentemente a incorporação de uma nova realidade, a aplicação do Ensino Remoto Emergencial. Diante desse novo cenário, os docentes tiveram que se adaptar ao uso de novos recursos para prática de ensino, pois era necessário aprender a manusear as ferramentas disponíveis ao ensino remoto e garantir a efetividade do processo de ensino-aprendizagem nas aulas *on-line*, todavia, foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos docentes para se adaptar as mudanças em curso. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos docentes de Geografia da Rede Pública da Educação Básica da cidade de Sapé/PB, localizado na região geográfica imediata de João Pessoa, considerando sua vivência e adaptação às Aulas Remotas, no período de isolamento social durante à pandemia do Covid-19 nos anos de 2020 e 2021. Para a construção desta pesquisa fez-se uso de abordagem qualitativa, considerando o levantamento bibliográfico e aplicação de questionário através da plataforma *Google Forms*. Com base na análise foi possível concluir que a utilização de novos recursos para o ensino de Geografia, como ferramentas tecnológicas e plataformas digitais, resultou em muitos ganhos para a ampliação do conhecimento, porém do Ensino Remoto, também impôs desafios e limitações como a sobrecarga no trabalho docente, a desigualdade no acesso as tecnologias necessárias o que resultou em atraso no ensino e aprendizagem, além de evidenciar a necessidade de investimentos para inclusão digital nas escolas.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Covid-19. Docente. Ensino Remoto.

MELO, Débora de Sousa. **Teaching Geography in the context of the Covid-19 pandemic: Challenges faced by teachers in remote classes in basic education in Sapé-Pb.** Completion of course work (Graduate in Geography), UEPB. Guarabira, 2022.

ABSTRACT

The teaching of Geography seeks to integrate space and reality through classes and activities aimed at students, strengthening the construction of knowledge about the world. With the emergence of the Covid-19 pandemic, social isolation has become the main health measure to contain the spread of the SARS-COV-2 virus, imposing the closure of schools to preserve the well-being of the school community, and consequently the incorporation of a new reality, the application of Emergency Remote Teaching. Faced with this new scenario, teachers had to adapt to the use of new resources for teaching practice, as it was necessary to learn to handle the tools available for remote teaching and ensure the effectiveness of the teaching-learning process in online classes, however there were many difficulties faced by teachers to adapt to the changes in progress. In this sense, this research aims to analyze the challenges faced by Geography teachers of the Public Basic Education Network in the city of Sapé/PB, considering their experience and adaptation to Remote Classes, in the period of social isolation during the Covid-19 pandemic. in the years 2020 and 2021. For the construction of this research, a qualitative approach was used, considering the bibliographic survey and questionnaire application through the Google Forms platform. Based on the analysis, it was possible to conclude that the use of new resources for the teaching of Geography, as technological tools and digital, plataforms, resulted in many gains for the expansion of knowledge, but Remote Teaching also imposed challenges and limitations such as overload in teaching work, inequality in access the necessary technologies, which resulted in a delay in teaching and learning, in addition to highlighting the need for investments for digital inclusion in schools.

Keywords: Teaching Geography. Covid-19. Teacher. Remote Teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
3	O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS ADAPTAÇÕES AO ESPAÇO VIRTUAL	16
2.1	Dificuldades enfrentadas pelos docentes durante o Ensino Remoto Emergencial.....	21
2.2	Desigualdade no acesso aos Recursos Tecnológicos	24
4	O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES DA REDE BÁSICA DE ENSINO NA CIDADE DE SAPÉ/PB	28
4.1	Metodologias aplicadas no Ensino Remoto de Geografia.....	30
4.1.1	Alteração nos conteúdos programáticos para as aulas remotas.....	30
4.1.2	Recursos utilizados nas aulas on-line	30
4.2	Adaptações dos docentes ao Ensino Remoto Emergencial	31
4.2.1	Mudanças mais perceptíveis do ensino presencial ao remoto	32
4.2.2	Disparidade no acesso às tecnologias.....	34
4.2.3	Medos e receios que foram enfrentados na profissão.....	35
4.2.4	Perspectivas para volta às aulas presenciais em 2022	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICES	43

1 INTRODUÇÃO

O mundo atual vivencia uma crise sanitária, que atingiu toda a sociedade e trouxe mudanças em diferentes segmentos, e que apesar da sua complexidade, é importante entender as variadas vertentes que se interrelacionam com a pandemia da Covid-19, a partir de áreas científicas diferentes, com ênfase na análise geográfica desse cenário.

Com o SARS-COV-2 circulando pelo Brasil, a dinâmica de setores sociais, econômicos e políticos foram alterados devido aos riscos que este vírus traz para a população. Nesse sentido, a educação foi uma das áreas mais modificadas com a determinação do isolamento social como principal medida sanitária de combate a disseminação do vírus, havendo a substituição do Ensino Presencial para o Ensino Remoto Emergente. Essa mudança repentina colocou a escola e os docentes diante de uma nova realidade com a incorporação das aulas remotas, a utilização de novos recursos, a adaptação de sua casa como ambiente de sala de aula, bem como sua jornada de trabalho.

Com essa rápida mudança acontecendo no mundo, é importante destacar o papel do ensino de Geografia para compreender as transformações do espaço e do tempo durante todo esse processo, e a relevância do Professor de Geografia como o principal mediador deste conhecimento, além de fornecer subsídios para que o aluno desenvolva sua autonomia intelectual e pensamento crítico. A educação geográfica é fundamental na leitura e interpretação do mundo, o que coloca o este conhecimento como ponto privilegiado para analisar a atual realidade vivenciada na pandemia, considerando as mudanças ocorridas, mas sobretudo os impactos e desafios impostos a educação geográfica e ao trabalho docente nesse período, pois há necessidade de reflexões sobre as percepções dos profissionais docentes sobre o ensino remoto de geografia (MACÊDO E MOREIRA, 2020).

A escola é o *locus* da aprendizagem, em suas dimensões cognitiva, afetiva e cultural se tem a clareza de que o processo de ensino e aprendizagem são partes integrantes a prática social historicamente produzida, o que nos possibilita afirmar que é impossível substituir a qualidade e eficácia do ensino presencial, mas o debate do ensino remoto precisa ser realizado. Além do ensino e das metodologias serem alteradas para a adaptação das aulas remotas, surgiram dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes nesta etapa, como a falta de acesso aos recursos tecnológicos, à falta de conectividade à internet, falta de preparo e outros empecilhos que atrasaram a aprendizagem e a mudança efetiva. Diante dessa realidade, cabe ressaltar que o ensino

remoto evidenciou a desigualdade no acesso à tecnologia, a precarização da infraestrutura nas escolas, a precarização do trabalho docente e a vulnerabilidade social e econômica vivenciada no âmbito da escola pública.

Na prática docente, os professores enfrentaram várias adversidades neste momento de adaptação e durante o período das aulas *on-line*, ocasionando mudanças no planejamento das aulas, no ambiente de trabalho, além de lidar com uma carga horária superior ao presencial e as emoções resultantes de todo o contexto que envolvia a pandemia, isolamento social e uma nova modalidade de trabalho. O interesse por essa análise surgiu através da experiência em Estágio IV, no qual foi exercido uma regência a partir de aulas remotas.

A relevância desta pesquisa está em transmitir o olhar dos professores e professoras que vivenciam diariamente as dificuldades do ensino de Geografia, além de promover a reflexão da prática de ensino no período de isolamento social devido à pandemia do Covid-19, destacando os constantes desafios desses sujeitos, como a falta de experiência na modalidade remota, a troca na relação presencial com os alunos, a dificuldade em associar o uso de novas metodologias adaptadas ao ensino remoto, além da desigualdade dos discentes no acesso aos recursos tecnológicos necessários para a participação nas aulas.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar o ensino de Geografia da Rede Pública de Ensino Básico da Cidade de Sapé/PB localizada na Região Imediata de João Pessoa, considerando os desafios, vivências e as mudanças enfrentadas durante pelos docentes na pandemia da Covid-19 com ênfase na adaptação ao Ensino Remoto. Para tanto, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa, considerando as características específicas e subjetivas sobre as informações coletadas na pesquisa (PAULILO, 1999), a respeito das opiniões dos docentes no processo de adaptação ao novo formato educacional, durante a pandemia do Coronavírus.

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado inicialmente mediante o levantamento teórico para o aprofundamento das questões abordadas e em seguida a realização de entrevistas via *Google Forms*, preocupando-se principalmente em manter a visão dos entrevistados, havendo participação mínima do entrevistador.

O trabalho está estruturado em dois capítulos principais, sendo o primeiro constituído pela abordagem teórica, onde é apresentada o papel da educação geográfica no cenário da pandemia, os desafios enfrentados pelos docentes em meios às adaptações e as desigualdades no acesso às tecnologias. No segundo capítulo são apontados os

resultados e discussões da entrevista, a respeito do Ensino de Geografia durante às aulas remotas, os principais desafios dos docentes da área.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa, cuja característica fundamental é a investigação organizada, o rigor nas observações e a utilização dos conhecimentos teóricos (GOLDENBERG, 2004, p. 105). Corroborando com o exposto, Lima et al. (2015) ressaltam que a investigação qualitativa tem como sua ênfase a interpretação das informações de cada participante, atribuindo relativa importância ao contexto pesquisado, o que gera maior proximidade do pesquisador aos fenômenos estudados. Nessa perspectiva foi realizada a análise da atuação dos docentes de Geografia em meio as mudanças do espaço e relacionando ao principal agente transformador dos últimos dois anos: a pandemia da Covid-19.

A etapa inicial para o desenvolvimento da pesquisa foi a realização de um levantamento bibliográfico para análise e investigação teórica da relação entre o ensino de Geografia e a pandemia da Covid-19. Autores com Cavalcanti (2010), Silva e Correa (2014), Callai (2011), entre outros, possibilitaram a reflexão sobre as mudanças da educação e o uso das novas tecnologias em sala de aula.

A etapa seguinte foi a elaboração de um roteiro para aplicação de um questionário com docentes da Rede Pública de Ensino Básico da cidade Sapé. Esta aplicação foi realizada de forma virtual via a plataforma online *Google Forms*, no período de Junho à Julho de 2022, com o objetivo de obter relatos sobre as vivências dos docentes de Geografia neste período de aulas remotas, considerando os anos de 2020 e 2021, para compreender as dificuldades dos docentes diante os desafios enfrentados no período das aulas remotas além de considerar as perspectivas encontradas em meio ao uso de novas metodologias e de novos recursos utilizados em sala de aula virtual.

O público abordado na pesquisa foram 06 professores que lecionam Geografia em escolas públicas do Ensino Básico da cidade de Sapé-PB, sendo três do gênero feminino e três do gênero masculino. Os respectivos entrevistados lecionam nas escolas: ECIT Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, ECI Cassiano Ribeiro Coutinho e a EMEFM Luiz Ignácio Ribeiro Coutinho, ambas as escolas localizadas no bairro Centro do município de Sapé-PB. Os professores entrevistados atuam na modalidade do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Após a aplicação das entrevistas foi realizada a análise dos depoimentos dos docentes para elaboração da etapa final da pesquisa. É importante ressaltar que os nomes dos participantes foram suprimidos e os depoimentos dos docentes foram identificados

com P1, P2, P3, P4, P5 e P6. Em relação ao tratamento das questões abordadas no roteiro da entrevista e suas respectivas respostas, optou-se por dividi-las entre categorias e subcategorias, como descrito na tabela abaixo (Tabela 01):

Tabela 1 – Categorias de Análise das Respostas Coletadas

CATEGORIA	Metodologias aplicadas no Ensino Remoto de Geografia	Adaptações dos docentes ao Ensino Remoto Emergencial
SUBCATEGORIA	<ul style="list-style-type: none"> ● Alteração nos conteúdos programáticos para as aulas remotas ● Recursos utilizados nas aulas <i>online</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ● Mudanças mais perceptíveis do ensino presencial ao virtual ● Desigualdade no acesso às tecnologias ● Medos e receios que foram enfrentados na profissão ● Perspectivas para volta às aulas presenciais em 2022

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

As categorias são apresentadas como o objetivo geral da entrevista, buscando analisar as mudanças metodológicas no Ensino de Geografia durante o período virtual e registrar os relatos das adaptações dos docentes em cenários educacional, pandêmico e remoto. Para as subcategorias foram aplicados objetivos específicos que correspondem aos resultados concretos que a pesquisa integrou, como constatar a alteração nos conteúdos programáticos e as mudanças nos materiais didáticos utilizados em sala de aula virtual.

Além de investigar e discutir os desafios nesta modalidade pedagógica, como a exigência de uma rápida mudança na adaptação do docente diante o Ensino Remoto Emergencial, a intensificação no acesso desigual às tecnologias e os problemas pessoais enfrentados por cada profissional, onde os docentes entrevistados relataram as dificuldades e os aprendizados neste período das aulas *online*, destacando suas perspectivas com a volta às aulas no formato presencial.

3 O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS ADAPTAÇÕES AO ESPAÇO VIRTUAL

A Geografia é uma ciência ativa e através dela é possível explorar, analisar, recolher e estudar diversos dados relacionadas aos conteúdos atuais e históricos do mundo. Pensando nesta perspectiva, o ensino de Geografia tem a priorização de manter-se conectado as recentes teorias, práticas e metodologias desta ciência, não deixando de lado as adaptações à novos espaços geográficos e virtuais, para assim, poder contribuir na informação e na aprendizagem.

Alguns autores da área de ensino de Geografia, a exemplo de Cavalcanti, 2010 e Silva e Correa, 2021, já vinham discutindo o uso de novas metodologias em sala de aula, iniciando com o uso de novos materiais didáticos somados aos que já eram utilizados, como o *Datashow*, Livro Didático, Lousa, entre outros objetos que auxiliam na aula. A educação já vinha em processo lento de mudança para inserir tecnologias nas produções das aulas e das atividades, porém, não eram todas as escolas que adotavam e aceitavam essas atualizações. Com isso, o processo de adaptação tecnológica atrasou devido à falta de maiores investimentos e incentivos na redução das disparidades no acesso as tecnologias e ações de inclusão digital.

O mundo de hoje é um mundo de grandes avanços tecnológicos, sobretudo nas áreas de comunicação e informação. Por um lado, esses avanços permitem a simultaneidade, ou seja, tornam possível “presenciar” todos os fenômenos e conhecimentos, já que a comunicação ocorre em tempo real; permitem colocar “à distância”, para todo o mundo, todo o conhecimento acumulado (CAVALCANTI, 2010, p. 16).

Em 2020, o vírus da Covid-19 se espalhou rapidamente pelo Brasil e por todo o mundo, sendo definido como uma pandemia e que todos deveriam ficar isolados em suas casas, parando suas atividades e esperando tudo se normalizar. Porém, o tempo foi passando e o vírus ainda continuou circulando por todos os lugares, forçando a busca de uma estratégia mais viável, que culminou na determinação das atividades remotas para possibilitar estudar e trabalhar à distância. Nesta rápida mudança, se tornou indispensável adotar recursos tecnológicos no cotidiano de muitas pessoas, inclusive dos docentes que muitos tiveram que recriar a própria sala de aula em sua residência.

Com a pandemia, a Organização Mundial da Saúde defendeu o isolamento social como relevante para evitar a transmissão do vírus (CNS, 2020), conseqüentemente as aulas presenciais foram suspensas e autorizadas aulas virtuais por meio da Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação, para a manutenção do cronograma escolar (BARROS; VIEIRA, 2021, p. 831).

Neste cenário surge mais um desafio a ser superado no contexto educacional, pois as aulas *online* não se resumem apenas a adaptar as aulas presenciais para a forma remota

(BACICH, 2020), pois há muitas variáveis que precisam ser consideradas nesse processo. Enquanto algumas pessoas sentiram maior facilidade para se acostumar com novos meios de comunicação, como, por exemplo, os professores e estudantes do EaD (Educação a Distância), pois já tinham mais prática. Já outras pessoas sentiram maiores dificuldades e levaram mais tempo para aprender a manusear as plataformas *online*, devido a algum fator que implicou neste atraso, como, por exemplo, falta de necessidade do próprio professor em atualizar-se às novas tecnologias, falta de formação acadêmica no manuseio dessas ferramentas ou falta de incentivos promovidos pelo Estado.

É importante ressaltar que já existia um debate sobre a importância da incorporação das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, como os autores Silva e Correa (2014) enfatizam:

As escolas têm percebido a importância das tecnologias para a aprendizagem na atualidade. Pensar no processo de ensino e aprendizagem em pleno século XXI sem o uso constante dos diversos instrumentos tecnológicos é deixar de acompanhar a evolução que está na essência da humanidade (SILVA; CORREA, 2014, p. 26).

Durante as aulas remotas, um novo espaço foi se construindo e trazendo novas perspectivas sobre o ensino de Geografia na atualidade. A variedade de campos que a ciência geográfica pode abordar é imensa, e mesmo cada pessoa estando em um ambiente específico (cômodo da sua casa, em frente à um aparelho eletrônico), é possível analisar os espaços através de imagens, de memórias, de vídeos, entre outros recursos visuais.

Existe uma gama de conteúdo a serem abordados em sala de aula sobre a Geografia que, enquanto ciência, apresenta conhecimentos gerais sobre o mundo e, a partir dela, é possível explicar muitos acontecimentos do nosso planeta, como aspectos físicos, humanos, políticos e econômicos, e isso é indispensável para a formação dos estudantes.

O território, entendido, no geral, como as relações de poder sobre o espaço, ganha variados exemplos a partir das territorializações que a vacina, por exemplo, vem ganhando na contemporaneidade. O lugar, compreendido, em amplo espectro, como as relações de proximidade/identidade com o espaço, pode ser compreendido a partir das novas relações vivenciadas nos diversos espaços, em períodos de distanciamento corporal. A paisagem, abrangida, geralmente, como as formas de percepção do espaço pelos sentidos, que ganhou novas leituras, a partir das novas percepções que o espaço nos proporcionou, tanto em relação ao maior período de isolamento, quanto à diminuição dos fluxos percebida em períodos de pandemia (OLIVEIRA, 2021, p. 4-5).

Para Carvalho Filho e Gengnagel (2020), a Geografia escolar é formada e construída por elementos desenvolvidos a partir das análises, reconhecendo que os

conhecimentos acadêmicos durante a pandemia são configurados como ricas oportunidades de trabalho nas aulas de Geografia.

Nesta perspectiva, para os docentes, o maior desafio foi compartilhar tais conhecimentos através de uma tela de computador, celular ou *tablet*. Sem dúvida, para o professor (a) de Geografia foi ainda mais intrigante não poder sair e planejar aulas de campo, sabendo que tal estratégia é importante para a aprendizagem da Geografia através da leitura da paisagem, como corrobora Cavalcanti (2010) sobre a Geografia para além do espaço presencial, ressaltando que

O espaço como objeto de análise geográfica é concebido não como aquele da experiência empírica, não como um objeto em si mesmo, a ser descrito pormenorizadamente, mas sim como uma abstração, uma construção teórica, uma categoria de análise que permite apreender a dimensão da espacialidade das/nas coisas do mundo. O espaço geográfico é, desse modo, concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico, que se constitui em ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação. Tanto é assim que cada vez mais se reafirma o conteúdo material e simbólico na totalidade do espaço, tornando-o mais aberto em suas determinações e mais imprevisível em suas configurações (CAVALCANTI, 2010, p. 18).

A Geografia está presente no cotidiano, e através dela é possível compreender os fenômenos recorrentes no mundo, seja em escalas municipais, estaduais, nacionais ou internacionais. Para tanto é viável estudar conteúdos diversificados dentro da ciência geográfica, como por exemplo, a crise sanitária que vem acontecendo diante a pandemia desde 2019, contribuindo para que o aluno esteja atendo ao mundo a sua volta e compreenda a dinâmica do espaço geográfico.

Apesar dos desafios existentes no acesso as novas tecnologias, o espaço virtual possibilitou explorar ainda mais as plataformas digitais de ensino que tornaram as aulas mais dinâmicas e atrativas durante o período remoto. A tecnologia vem se expandido de forma positiva para educação e formação, tanto para os educandos quanto para os educadores.

No percurso formativo, é importante articular conhecimentos da ciência geográfica com outros tipos de conhecimentos, saberes linguagens. Atentar-se para a sociedade contemporânea, com seus diferentes modos de comunicação e de produção da informação, é uma maneira de preparar os professores para lidar com os jovens escolares. Assim, a tecnologia e todas as possibilidades de potencializar as ações com seu auxílio são referências para a formação e é positivo que sejam exploradas, com criticidade e competência, articulando de modo seguro essas linguagens com as finalidades educativas, com suas possibilidades de contribuir para o desenvolvimento dos alunos do ponto de vista geográfico (CAVALCANTI, 2017, p. 103).

No ensino de Geografia, as dimensões são propostas para serem analisadas. Segundo Callai (2011), a perspectiva do local e global se apresenta como marca

necessária para considerar os fenômenos, que se sucedem, nos vários lugares. A autora identifica que, além de uma perspectiva singular, as pessoas que constroem a educação geográfica, necessitam obter um olhar plural para os fenômenos ocorrentes no espaço para colher mais informações e conhecimento.

Callai (2011) discute ainda sobre como o ensino de Geografia é abordado na atualidade e afirma que, diante dos avanços acelerados que a contemporaneidade apresenta, altera-se a espacialidade das pessoas e dos grupos sociais. Por isso, se torna indispensável o acompanhamento da ciência geográfica diante o cotidiano espacial.

Portanto, as novas tecnologias no ensino de Geografia, como a internet, são um recurso que envolve o aluno na aprendizagem, pois atraem de forma que tenha gosto pelo estudo. Para a aprendizagem acontecer, é seminal o envolvimento do aluno, que precisa sentir necessidade e vontade de aprender. Diante disso, as novas tecnologias, como mais um auxílio à prática, dão condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça. Está disponível na internet grande variedade de recursos interativos para o professor de Geografia, que permite dinamizar suas aulas (PRATES *et al.*, 2015, p. 14).

Diante da letalidade do SARS-COV-2, muitos indivíduos começaram a repensar sobre a vida e a vivência na Terra, ressaltando a importância e buscando explorar cada dia mais essas respectivas mudanças que vêm acontecendo. Sem dúvida, diferentes campos da ciência foram analisados nessa nova realidade que vivemos, e a Geografia dentre elas, apresenta uma análise muito ampla e rica em diferentes especificidades relacionadas as transformações no mundo durante a pandemia da Covid-19. Muitos destes estudos sobre o coronavírus e as áreas que ele atinge, são abordados em sala de aula gradativamente, porque envolvem conteúdos interdisciplinares, como os recorrentes problemas ambientais, problemas sociais, econômicos e de saúde pública que estão presentes na realidade e contexto brasileiro.

As formas da globalização trazem problemas de ordem socioambiental que necessitam ser entendidos e analisados pelos alunos, em especial para reflexões por meio de um ensino de Geografia, em tempos de pandemia da Covid-19. Este tema entrou na pauta da agenda de governantes do mundo todo desde dezembro de 2019 e que já faz parte da vida social das populações de diversas localidades do planeta, inclusive no Brasil (CARVALHO FILHO; GENGNAGEL, 2020, p.88-89).

A transformação educacional que aconteceu em meio a contaminação do Coronavírus pelo mundo de maneira acelerada, trouxe muito desgaste e preocupações para todos. No espaço educacional não foi diferente: se reinventar tornou-se uma palavra-chave e que precisava ganhar forma de acordo com o trabalho de cada pessoa, para os docentes por exemplo, exigiu uma carga horária muito maior para aprender a manusear

diferentes ferramentas educacionais, o que é muito proveitoso, porém, existem diferentes circunstâncias em que cada educador se encontra que leva tal contexto a ser exaustivo. Modificar seu respectivo ambiente de descanso, que é sua casa, para um local de trabalho, não foi nada fácil, pois acarretou uma gama de preocupações e tornou o trabalho muito mais extensivo. Esse fato desencadeou algumas críticas, as quais Santana Filho (2020) descreve:

Na prática, fere a docência na figura do professor e da professora que, não dominando devidamente aparatos de tecnologia, são conduzidos a trabalhar mais horas improvisando apresentações de slides para plataformas virtuais abertas; a expor sua prática e suas atividades em um ambiente totalmente novo, suas fragilidades documentadas, suas potencialidades negadas e interditadas por decisões de gabinete. Também é arremedo porque a prática educacional à distância, mesmo para seus defensores, exige que se repense a concepção de aprendizagem, da ação pedagógica, do currículo e dos próprios sujeitos do processo e não se constrói assim, de improviso. Há desigualdades explícitas também nesse aspecto (SANTANA FILHO, 2020, p.4).

Com efeito, são discutidos diferentes olhares sobre o ensino durante a pandemia. Para muitos, existiram pontos positivos e negativos neste processo, mas destaca-se a geração de resultados para educação. A maior utilização de recursos tecnológicos para aulas se apresenta como grande avanço na mudança metodológica, apesar de todas dificuldades e falta de preparação dos órgãos responsáveis pela formação docente. Nesse sentido, os pesquisadores Fernandes *et al.* (2020) mostram que para a Geografia e os demais componentes curriculares, os ambientes virtuais de aprendizagem são importantes para trocas de informações, comunicação, interação e disponibilização de material de estudo.

Já a conectividade tem moldado a maneira de viver das pessoas, pois oferece mais comodidade, flexibilidade e utilidade. Atualmente, as pessoas não têm mais barreira geográfica e de tempo para realizar seus afazeres. Diversas são os segmentos que têm se beneficiado por exemplo, as redes de computadores e as telecomunicações permitiram a conexão entre pessoas, organizações empresariais e, principalmente, o segmento de educação que tem procurado explorar e fazer um bom uso desses recursos (FERNANDES *et al.*, 2020, p. 6).

No atual momento, é curioso compreender como as aulas presenciais voltaram a ocorrer após dois anos de pandemia e de ensino remoto. Nesse período, ocorreram inúmeras transformações e, com elas, mais cuidado e aprendizados foram promovidos, sem dúvida. O isolamento social acabou afastando muitas pessoas e, com essa volta do contato presencial entre amigos, colegas, docentes e discentes, também ocasionou uma sensação de que as coisas estão voltando ao normal.

A geografia busca, com isso, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, ao mesmo tempo, às contribuições de outras áreas da ciência e às

diferentes especialidades em seu interior; um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para suas práticas espaciais (CAVALCANTI, 2010, p.43).

Assim, acrescentando o maior uso de tecnologias e novas plataformas nas aulas, acesso simplificado para a maioria dos professores, professoras e estudantes, o ensino de Geografia e suas diferentes áreas poderão ser abordadas com diferentes recursos neste novo modelo de ensino presencial nas escolas e nas universidades.

3.1 Dificuldades enfrentadas pelos docentes durante o Ensino Remoto Emergencial

As paisagens foram se modificando e uma nova realidade foi ressignificando os lugares, como o ambiente de estudo, de trabalho, de lazer, entre outros, sendo perceptível que o receio da contaminação alterou a dinâmica do cotidiano. Nessa perspectiva, surgiram outros cenários que transmitiam aversão às situações relacionadas ao isolamento social, ao *home-office*, às frustrações e aos receios que a pandemia causava. As emoções foram se tornando mais intensas e começaram a resultar em ansiedade, insegurança, solidão, nervosismo, entre outros sentimentos que foram concebidos devido às todas as restrições de cuidado e de afastamento social, necessárias para conter a manifestação do vírus, mas que geraram reações em múltiplos sentidos nas pessoas.

O prolongamento do distanciamento social teve efeitos negativos na saúde física e mental provocados por medo de infecção, frustração, tédio, informações divergentes, falta de contato pessoal, falta de espaço em casa e falta de renda (REIS *et al.*, 2020).

Nesse sentido, seja orgânico, seja psicoemocional, o que podemos definir é que o novo coronavírus nos trouxe inúmeros e significativos rompimentos. Sem muita cerimônia, a COVID-19 rompeu com a nossa conhecida rotina. Desde então, nossas agendas pré-programadas perderam o sentido. Nosso cotidiano, mentalmente organizado, sofreu alterações. E, neste novo cenário, incertezas e inseguranças foram acionadas ou intensificadas (MORETTI *et al.*, 2020, p. 34).

Relacionando este pensamento com a prática docente e a todo ambiente educacional, durante a pandemia, o espaço de descanso para muitas pessoas foi transformado no espaço de trabalho, trazendo um grande impacto psicológico e físico em todos que tinham rotinas ativas e diferentes desse novo habitual, afinal, a transição do presencial para o virtual, não se deu de forma gradativa e programada, mas de forma urgente e descoordenada, levando docentes que não passaram por formação ou planejamento ao imprevisto diante de uma nova realidade. É importante ressaltar a falta de direcionamento por parte do próprio Ministério da Educação, na época, que negando

os efeitos da contaminação do vírus, não tratou de forma prioritária a incorporação do Ensino Remoto Emergencial. A primeira normatização ocorreu através do parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020 que reorganizava do Calendário Escolar e apresentava a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

O cenário de negacionismo, instabilidade política entre os entes federados e o descaso na gestão do Ministério da Educação com o Ensino Remoto Emergencial, sobretudo, com para garantia das condições de acesso aos docentes e discentes de escolas públicas as tecnologias necessárias para as atividades remotas, ocasionou uma sobrecarga ao trabalho docente, pois os professores precisaram buscar seus próprios meios para cumprir minimamente suas novas atribuições.

Diante da atual conjuntura, a palavra mudança esteve mais presentes nos discursos. Mudou-se a rotina, pensamentos e até a forma como se encara o coronavírus. Hoje, pode-se dizer que a Covid-19 não veio somente para ceifar vidas ou causar o caos na saúde. Ele veio também para desestabilizar estruturas, quebrar paradigmas, desconstruir concepções e, conseqüentemente, foçar à mudança de postura de muita gente, principalmente no campo educacional (CABRAL; COSTA, 2020, p. 51).

Durante esse processo surgiram vários episódios de adaptação, de aprendizado, em alguns casos até de motivação vinda do local de trabalho, o que na teoria é bem interessante, mas, na verdade, muitos profissionais não estavam minimamente preparados para toda essa mudança repentina e isso gerou diversos problemas relacionados a saúde psicológica e conseqüentemente do corpo.

Essa análise remonta de como a paisagem, o lugar, o espaço, interfere no bem-estar ou mal-estar de um ser vivo, que se depara com mais obstáculos para poder se sobressair e tentar fazer as coisas darem certo desta maneira, gerou dificuldades para os docentes, como a intensificação do trabalho e conseqüentemente a exaustão (SARAIVA, 2020). O difícil cenário que foi vivido durante o ensino remoto, ressalta a dificuldade de equilibrar as atividades letivas e administrar o estresse e ansiedade causado pela pandemia.

O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos (SARAIVA et al, 2020, p.13).

Os seres humanos precisam de um ambiente que transmita paz e segurança, a qual se torne um refúgio para os dias de exaustão, bem como um lugar de proteção que distancie muitas vezes os fardos do dia a dia. Isso é totalmente compatível com o que foi

estabelecido com a quarentena no início da pandemia da Covid-19, quando o isolamento social foi feito em um lugar de abrigo para as pessoas, no qual se recolhessem em família com residentes do mesmo local e pudessem manter distância de outros grupos sociais. Porém, existiram nuances em relação ao trabalho ser trazido para o lugar de descanso, porque tudo foi alterado e ficou com uma “cara nova”, alterando a paisagem conforme a necessidade exigia.

O lugar de descanso passou também a se tornar lugar laboral, tornando a residência em um local de significado confuso e, causando, em alguns casos, dificuldades de separação entre trabalho e lazer. Isso, somados ao isolamento e as restrições de acesso a ambientes externos de relações sociais, os quais trouxeram, em alguns casos, impactos psicológicos e físicos à saúde aos professores (as).

Essa busca está sempre sendo aperfeiçoada pelo sistema senso-perceptivo humano. Sensação e percepção combinam-se em um processo contínuo e fazem parte de nossos processos psicológicos básicos. A sensação trata-se da captação de estímulos, sendo a detecção de estímulos ambientais e sua codificação em sinais neurais. Já a percepção é a representação interna de estímulos, que se traduz na seleção, organização e interpretação de nossas sensações (MORETTI *et al.*, 2020, p. 36).

Com o passar dos meses alguns professores e professoras do ensino básico e superior foram conseguindo se adaptar à essas alterações do ensino presencial para o remoto. Inclusive, alguns deles passaram até preferir o cômodo de ensinar em casa e poder trabalhar em segurança, onde realmente estaria protegido e longe do vírus. No entanto, é importante ressaltar que esse tempo de ajustes ao novo método de ensino foi sendo positivo para as pessoas que moram em ambientes tranquilos e possuem uma renda estável para adquirir os itens necessários para as aulas, o que levou esse grupo social a ter maior facilidade para se adequar ao formato *online*.

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: Criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula (CORDEIRO, 2020, p. 6).

Porém, é preciso levar em consideração os fatores sociais e econômicos que são desiguais no Brasil, pois dependendo da realidade de cada grupo de pessoas, de cada local de moradia, das condições financeiras para ter um bom espaço, para possuir aparelhos eletrônicos e internet, conseqüentemente, tudo isso interfere na comunicação, na formação e na compreensão das paisagens onde cada indivíduo está inserido. Stevanim (2020) ressalta que

Entre pressões para o retorno das aulas presenciais e a implementação do ensino remoto emergencial, alunos e trabalhadores da educação se deparam com uma realidade: a exclusão digital, que dificulta a adoção de medidas como aulas e avaliações pela internet (2020, p.11).

Os problemas sociais e econômicos vivenciados no Brasil, interfere diretamente na educação, saúde, segurança e tantos outros setores. Por esses motivos, uma parcela da população brasileira sofre com descasos e falta de acesso a materiais básicos para subsistência, o que mostra o quanto o país tem muito o que melhorar e que a pandemia acabou intensificando toda essa desigualdade de acesso e de oportunidades.

3.2 Desigualdade no acesso aos Recursos Tecnológicos

Com o avanço constante das tecnologias, houve mudanças globais significativas e, com elas, vieram grandes vantagens para a educação, permitindo associar o ensino aprendizagem entre o professor e o estudante de forma muito produtiva e dinâmica. No entanto, na realidade, nem todos têm acesso a esse meio técnico da informação, assim como não são todas as escolas que oferecem essas ferramentas nos dias de hoje.

Mesmo com os avanços tecnológicos, o livro didático permanece na centralidade da educação básica, principalmente em escolas públicas. Então muitos docentes continuaram utilizando os conteúdos programáticos do livro didático nas aulas remotas, como forma dos estudantes poderem acompanhar de casa e utilizar dos recursos do livro, como exercícios e atividades extras. A autora Cavalcanti (2016) ressalta que

Há uma forte tradição na educação brasileira quanto ao uso do livro didático, incluindo o de Geografia, o que o coloca como historicamente compondo a cultura escolar, expressa no modo de veicular conhecimento na escola, no planejamento escolar, na rotina nas salas de aula, nas avaliações. Essa cultura ainda está presente na grande maioria das escolas do ensino básico, mesmo considerando-se a presença cada vez maior de outros recursos, principalmente os tecnológicos, como a internet (CAVALCANTI, 2016, p. 337)

Apesar disso, o livro didático, no período das aulas *online*, deixou de ser o principal norte pedagógico e deu lugar a outros recursos didáticos que pudessem facilitar no ensino e na aprendizagem, que estivessem nos meios digitais da comunicação e da informação. Variadas plataformas digitais foram se destacando neste cenário, como o *Google Meet*, *Google Classroom*, *Zoom*, *Google Forms*, *Jamboard*, *Kahoot*, *Microsoft Teams*, entre outras ferramentas que ajudaram bastante neste período de isolamento social. Todas estes meios de comunicação virtual já existiam há um bom tempo, mas a verdade é que muitas pessoas não sabiam de sua existência, pois, geralmente eles eram usados para outros fins. Mas no geral, essas plataformas foram e estão sendo essenciais para as aulas não pararem.

O uso de multimídias, como os computadores e a internet, favorece o aprendizado do aluno, uma vez que torna possível selecionar informações de acordo com seus interesses e necessidades. As novas tecnologias podem cumprir três papéis diferentes: atuar como instrutor dos educandos, ser ferramenta de trabalho ou ser usada como aprendiz (PRATES *et al.*, 2015, p. 15).

Para o ensino de Geografia, essas novas práticas foram uma forma de ampliar os horizontes do ensino e da aprendizagem, buscando explorar mais aplicativos, sites e atualizações que tornem a aula mais interessante em conjunto. A título de exemplo, a demonstração de um mapa mais específico sobre o local analisado, ou a imagem de um relevo vista de outra perspectiva além da mostrada no livro didático, seja a pedido dos estudantes ou provenientes de alguma dúvida gerada no momento da aula, se tornou uma tarefa simples e rápida, quando utilizados recursos ou mídias digitais com acesso à internet.

A ciência geográfica está ativa em variadas temáticas que engloba a todos, como natureza, sociedade, saúde, tecnologias, entre outras que devem ser inclusas na vivência escolar, de modo a envolver o estudante, favorecendo sua participação em sala. Neste sentido, é perceptível que a utilização de recursos audiovisuais se torna um instrumento que contribui para a aprendizagem, em meio ao maior acesso à vídeos informativos nos dias de hoje. Por ser um recurso didático que pode ser utilizado por todas as áreas do currículo escolar, favorece uma abordagem geográfica mais ampla, além de ser uma metodologia que contribui para diversos aspectos do processo de aprendizagem: ludicidade, alegria e prazer.

A utilização dos recursos tecnológicos torna-se auxílio para práticas pedagógicas de Geografia, não somente por tratar-se de recurso didático de relevância para o ensino e aprendizagem, mas por proporcionar o uso de diferentes linguagens para construir conhecimentos geográficos. Além disso, não se deve esquecer que se está diante de uma geração que gosta e é interessada por meios tecnológicos, e que tem sido influenciada quando faz suas escolhas: roupas, preferências, estilos musicais, modos de falar etc. (PRATES *et al.*, 2015, p. 16)

Para Pujol (2020), o uso das tecnologias educacionais e o implemento das plataformas digitais, como o *Google Meet* e outras utilizadas na educação brasileira, não teriam um impacto com relação ao ensino remoto em um contexto diferente. Entretanto, a pandemia da Covid-19 intensificou este uso e o acesso à internet e as plataformas educacionais causando um colapso na rede, mostrando que o Brasil enfrenta uma crise quanto a modalidade de ensino proposto.

Por mais que atualmente o acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos se tornou mais comum, ainda assim não são todas as pessoas que possuem ou sabem manusear estes

meios da informação e comunicação, ressaltando que em alguns casos, uma parcela da população utiliza mais à internet apenas para redes sociais e bate-papo, e não como um recurso de pesquisas, leitura e estudo. A partir deste contexto, surgiu uma grande problemática educacional de como fazer o ensino chegar para todos os estudantes sem afetar drasticamente a aprendizagem.

As metodologias utilizadas em sala de aula foram adaptadas para utilização das tecnologias de forma ativa, assim como a curadoria de recursos midiáticos que pudessem ser inseridos em suas aulas que fossem de fácil entendimento para os educandos assim como a linguagem utilizada para a comunicação a distância (CORDEIRO, 2020, p. 5).

Não foram apenas os estudantes que precisaram de um suporte durante as aulas remotas, os professores e professoras também tiveram que enfrentar um grande desafio de se adaptar a uma realidade tecnológica muito diferente do que se era utilizado no cotidiano escolar. Além disso, a preocupação com o planejamento das aulas era constante para que ocorresse de maneira mais efetiva, já que o ensino a distância se tornava muito mais propício as distrações, devido as diversas aplicações simultâneas que os aparelhos como celular e computadores oferecem. Com essa situação imposta, muitos docentes se viram sem a preparação necessária para esse momento, tanto para o uso das novas ferramentas, quanto para a formação estudantil em tempos de pandemia.

A utilização das tecnologias embasadas em metodologias ativas pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem de forma mais eficaz e autônoma, com foco no desenvolvimento humano em todas as suas vertentes e voltadas principalmente para a realidade na qual vivenciamos (CORDEIRO, 2020, p. 5)

Para os estudantes que não possuíam acesso à internet para assistir as aulas *online*, foram abordadas outras práticas de ensino, como as atividades impressas na escola para que presencialmente o aluno ou responsável pudesse obter esse material. Porém, a interação entre professores-alunos e alunos-alunos ocorreram de forma praticamente inexistente, impedindo que esses discentes evoluíssem da mesma forma que os outros que tinham acesso e um maior suporte. De acordo com a pesquisa do Educa IBGE, no ano de 2019, a internet era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros, sendo a maior parte concentrada nas áreas urbanas. Para os que não utilizavam a internet, 32,9% justificaram que é por falta de interesse em acessar, 26,2% por motivo que o serviço à internet era caro e 25,7% não sabiam utilizar. Entre os domicílios localizados em área rural, uma das principais razões da não utilização da internet (19,2%) continua sendo a indisponibilidade do serviço (EDUCA IBGE, 2019).

Contudo, do ano de 2019 para o ano de 2020, as mudanças e a necessidade do acesso aos recursos tecnológicos e à internet se tornou urgente para todos aqueles que precisam continuar trabalhando ou estudante à distância. O pesquisador Storino (2022) destaca que “esta proporção aumentou significativamente entre os domicílios das áreas urbanas em relação à situação pré-pandemia, mas a grande variação ocorreu na área rural, onde foi observado um crescimento de 20 pontos percentuais entre 2019 e 2021”.

O aumento da circulação da rede de comunicação virtual, tornou viável para muitas pessoas conseguirem se conectar à internet, com isso gerando mais chances terem disponibilidades para assistir aulas, para trabalhar e se comunicar no geral. Porém, existe uma parcela da população que ainda não dispõe desses meios, e de acordo com Storino (2022) ainda temos um contingente de 35,5 milhões com dez anos de idade ou mais que não utilizam a internet.

Com essa desigualdade social e econômica evidente no Brasil, muitos estudantes deixaram de assistir as aulas remotas e houve evasão no número de educandos nas escolas durante o ano de 2020 e 2021. De acordo com a CNN Brasil (2022), após o início da pandemia da Covid-19 e conseqüentemente o ensino a distância, os índices de reprovação, abandono do ensino e distorção entre idade e série escolar se tornaram problemas recorrentes para educação brasileira.

Segundo dados da Pnad Contínua (2021), 1,38 milhão de estudantes entre 6 e 17 anos de idade abandonaram as instituições de ensino, representando 3,8% dos alunos e alunas do Brasil. Esta taxa é superior à média nacional de 2019, quando estava em 2%,). Ou seja, o ensino *online* não estava à disposição de todos, criando grandes barreiras para a população com menos condições socioeconômicas.

É importante ressaltar que essas problemáticas podem ser solucionadas por medidas governamentais que invistam e procurem saber as reais situações da população, são necessárias ações que realmente funcionem para esse número de evasão escolar diminuir, afinal, como mencionado no texto da Constituição Federal Brasileira, mais precisamente no capítulo II, que trata dos direitos sociais, em um rol que cita que os cidadãos têm direito a saúde, moradia, transporte e lazer – entre outros direitos-, o acesso à internet, nos dias de hoje, é uma necessidade para trabalhar e estudar, logo, emergir socialmente (BRASIL, 1988). Portanto, deve também ser assegurado pelo Estado à toda população, entretanto, com a melhora no quadro da pandemia e a volta das aulas

presenciais, há grande chance de os estudantes voltarem a participar das aulas, podendo ter novamente contato com os professores e colegas presencialmente.

A tecnologia se torna hoje indispensável para uso docente e discente nas aulas e elaboração de atividades no geral, o uso de recursos tecnológicos é cada vez mais comum e necessário para os avanços da informação e da comunicação, aprender a utilizá-los se tornou medida obrigatória para não ficar de fora da atualidade.

A Geografia passa por um momento que demanda a identificação de seus principais desafios. A inovação no ensino dessa disciplina é uma questão de tempo, mas precisa de direcionamento, uma simples diretriz ou base em que se apoiem as mudanças provocadas pela inserção das tecnologias. Seu uso só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A presença de aparato tecnológico na prática do cotidiano escolar não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. No entanto, será preciso entender que as novas tecnologias se constituem, atualmente, em recursos de amplo uso didático, sendo capazes de proporcionar mudanças no modo de se ensinar; ou seja, devem servir para enriquecer o ambiente educacional e propiciar a construção de conhecimentos, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte da escola, dos alunos e dos professores (PRATES *et al.*, 2015, p. 16).

Por isso, é primordial que todos possam ter acesso, para que as mudanças aconteçam de fato de forma positiva e proveitosa. A ciência geográfica, que aborda esses cenários da sociedade, também se torna privilegiada por ter a tecnologia como aliada do Ensino de Geografia, rendendo assim muito mais conhecimento e interação nas aulas.

4 O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES DA REDE BÁSICA DE ENSINO NA CIDADE DE SAPÉ/PB

O município de Sapé apresenta uma população estudantil com cerca de 9.074 estudantes distribuídos entre zona rural e urbana e entre ensino fundamental e médio (IBGE, 2021). Para a análise da pesquisa foram considerados os professores da rede básica atuantes na área urbana, em duas escolas estaduais e uma escola municipal, ambas localizadas no centro da cidade de Sapé/PB. As escolas foram selecionadas com base no melhor acesso e comunicação com os docentes, tendo em vista que, através dos estágios supervisionados foi estabelecido o contato com os esses educadores escolhidos.

De acordo com PNNE/PB (2020) “o Parecer nº 5/2020 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 28 de abril de 2020, que dispõe sobre a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da

Pandemia da COVID-19”. A partir deste decreto o uso das tecnologias e as aulas remotas emergiram como alternativas para dar seguimento as atividades escolares.

Os docentes entrevistados relatam as vantagens e desvantagens do Ensino Remoto, para eles, o isolamento social e o home office foi um período de aprendizado, mas, também, de dificuldades a serem enfrentadas. Houve grande mudança nas metodologias aplicadas em sala de aula, adaptando assim, os conteúdos geográficos para uma realidade tecnológica, o que gerou ganhos para o ensino e aprendizagem. Além de incentivar o uso de novos recursos didáticos nas aulas, os docentes procuraram por mais aplicativos e sites que dinamizassem as aulas.

Com o enquadramento das aulas remotas na educação, a carga horária foi reduzida visando os imprevistos dessa nova realidade. Foi necessário aprender a manusear diferentes plataformas de ensino, o que levou certo tempo. Alguns professores (as) alegam terem recebido suporte do Governo de forma tardia, cursos preparatórios e recursos tecnológicos foram fornecidos após alguns meses depois do início das aulas remotas. Materiais de trabalho, como: internet e computador, a princípio, foram subsidiados por conta própria.

Nas escolas públicas de Sapé/PB os docentes conseguiram encontrar apoio uns nos outros, para o esclarecimento de dúvidas e ajuda no manuseio das tecnologias. Além do suporte emocional diante de todos os medos e receios trazidos pela Covid-19, os profissionais da educação tiveram de adaptar suas casas para um novo cenário de trabalho, o que necessitou de mais empenho e tempo dedicado a esta mudança. As desigualdades enfrentadas pelos estudantes também foi um grande problema a ser enfrentado, os professores entrevistados alegam que número estudantil diminuiu gradativamente após o Ensino Remoto Emergencial, porque muitos discentes não possuíam acesso à internet e aparelho tecnológico para participar das aulas.

Os docentes de Geografia demonstraram grande preocupação com os estudantes que perderam a maior parte dos conteúdos do ano letivo de 2020 e 2021, eles relatam que essa perda será diagnosticada principalmente agora com a volta das aulas presenciais. Será necessário rever algumas temáticas novamente, buscando recuperar o tempo perdido e normalizar o calendário estudantil. De acordo com os entrevistados, eles obtiveram ganhos na aprendizagem neste período das Aulas Remotas e esses recursos serão ainda mais utilizados de volta ao presencial, podendo haver um grande avanço na Educação em contexto atual.

4.1 Metodologias aplicadas no Ensino Remoto de Geografia

Esta categoria apresenta as diferentes formas de ensino buscadas pelos professores (as) de Geografia durante as aulas remotas, analisando as alterações nos planos de aula em meio ao ensino remoto emergencial, somados aos recursos tecnológicos que foram bem mais utilizados neste percurso de ensino e aprendizagem, considerando como subcategorias para análise a alteração nos conteúdos programáticos para as aulas remotas e aos recursos utilizados nas aulas *online*.

4.1.1 Alteração nos conteúdos programáticos para as aulas remotas

Inicialmente, foi questionado aos docentes de Geografia do Ensino Básico sobre a forma com a qual eles se adaptaram ao Ensino Remoto durante a pandemia da Covid-19: se os mesmos utilizaram de novas metodologias em sala de aula virtual e se houve uma grande modificação nos planos de aulas comparado ao Ensino Presencial.

Houve respostas similares e algumas outras mais específicas sobre a questão das adaptações dos planos de aula e das metodologias nas aulas *online*. O participante P1 relata que *“a principal mudança foi em relação a carga horária que foi reduzida, de três aulas semanais para apenas uma”*. Neste caso, impossibilitou a transmissão de grande parte dos conteúdos anuais, sendo necessário um filtro para o planejamento das aulas. Para P2, P3 e P5, as principais adaptações neste cenário foi a busca por diferentes metodologias, que pudessem ser mais efetivas para o Ensino Remoto Emergencial e pudessem criar uma base mínima para atender os pré-requisitos necessários.

De acordo com (Carvalho Filho; Gengnagel, 2020) é notado um novo desafio que surgiu no ensino durante a pandemia, que foi a necessidade dos professores se adaptarem ao uso de plataformas educacionais, mudando assim, sua metodologia nas aulas. Para os docentes essa adaptação foi ainda mais desafiadora devido ao curto tempo de mudança das aulas presenciais para as aulas remotas.

4.1.2 Recursos utilizados nas aulas *online*

Além das metodologias que tiveram de ser modificadas no período remoto, também foi necessário somar com diferentes recursos didáticos, a serem explorados e utilizados para dinamizar as aulas e gerar certo entretenimento para fixar a atenção dos estudantes. Para (Carvalho Filho; Gengnagel, 2020) com a demanda exigida, a utilização de novas tecnologias disponíveis nas plataformas de ensino, começaram a ganhar espaço nos planejamentos das aulas de Geografia, ferramentas como *Google Classroom* e o

Google Meet, por exemplo. Para o entrevistado P4, as principais mudanças efetuadas em relação aos planos de aula foram:

“[...]adaptá-los para realidade do ensino remoto, ou seja, para as aulas on-line através do aplicativo *Google Meet*. Para inserir as atividades para quem tinha acesso à internet, era através da plataforma *Classroom*, e para quem não tinha acesso à internet, adaptava as atividades para serem impressas e os mesmo pegarem na escola”.

Por sua vez, P6 destaca que utilizou “*jogos educacionais em relação aos conteúdos e usei uma plataforma chamada SENECA e foi muito interessante, mas não era obrigatório eles participarem desta plataforma*” (P6). Além das plataformas mais utilizadas como o *Google Meet* e o *Classroom*, os docentes também inovaram buscando por alternativas que potencializasse o ensino. De acordo com Oliveira (2021) os professores apresentaram capacidade de adaptação e resiliência em meio a todas as adversidades, sendo considerado que as potencialidades e as premissas básicas para o ensino de Geografia, foram reconhecidas e mesmo que minimamente atingidas.

“*Eu procurei exercitar os jogos on-line dentro do conteúdo dado na aula on-line e eles gostavam*”, observa P6. Para aproximar ainda mais o prazer pela aprendizagem vindo dos estudantes, foi importante apresentar novos recursos didáticos nas aulas remotas, unindo atividades de estudo com a ludicidade, para que sentissem familiarizados e conseqüentemente prestassem mais atenção.

4.2 Adaptações dos docentes ao Ensino Remoto Emergencial

Muitos docentes sentiram grande dificuldades em meio as adaptações exigidas pelo momento emergente da pandemia em 2020, na qual o trabalho não poderia parar e então foi necessário buscar por soluções rápidas e eficientes. O home office foi se tornando uma realidade para muitas pessoas, inclusive para os professores e professores que começaram a lecionar das suas respectivas casas. A partir disto, foram surgindo muitos desafios relacionados a mais trabalho e menos tempo para descanso, porque foi indispensável apresentar inovações neste novo cenário das aulas virtuais: professores tiveram que se esforçar e utilizar de mais criatividade para levar os conteúdos aos estudantes, as vezes criando mais um tipo de material e utilizando mais de um tipo de veículo de comunicação, para atingir os diversos grupos fragilizados de discentes. Dentre esses grupos, os que não tinham acesso à internet ou que moravam em zonas rurais foram os mais penalizados.

A partir disto, foram surgindo inúmeros desafios que exigiram a mais trabalho e implicaram em menos tempo para descanso, porque foi indispensável apresentar inovações neste novo cenário das aulas virtuais. Como afirmam (Dias-Trindade et al., 2020) que a compreensão do uso e manuseio das diferentes áreas tecnológicas e digitais, são indispensáveis para a docência atualmente. Recriar as aulas e as atividades a partir das ferramentas técnica-informacionais resultou em pontos positivos para educação, apesar do contexto de adaptação.

Questionados em relação suas adaptações à estas novas práticas de ensino, P1 demonstra tranquilidade, pois ele afirma que já conhecia as ferramentas de ensino virtual, como o Google Meet. Mas, os demais professores relatam que não foi muito fácil essa mudança em alguns aspectos. *“Embora seja uma nova experiência, foi cansativa, mas a adaptação ao contexto técnico científico (tecnologia) foi tranquila”* (P3).

Foi dolorosa, ter que lidar com abismos sociais, horários de trabalho que atravessam mais de 12 horas por dia, perceber que muitos alunos não estavam participando do processo de ensino-aprendizagem, foram tempos de tentar manter o máximo de esperança na educação e nos estudantes, afinal lidamos com sonhos e vidas (P2).

Sem preparação, os docentes relatam que a rápida alteração na forma de ensinar resultaram em alguns impasses. *“No início foi um pouco confuso, pois tive que a perfeição meus conhecimentos e adaptar minhas práticas ao ensino remoto”* (P4); *“Foi um pouco difícil devido ao isolamento, mas apesar de todas as dificuldades consegui continuar o ensino aprendizagem mesmo que a distância, tentando sempre buscar a melhor forma de estar levando conhecimento aos nossos estudantes”* (P5); *“Foi de repente as mudanças e, no entanto, tive que aprender várias formas de aprendizagem, tivemos que aprender a lidar com novas tecnologias”* (P6).

4.2.1 Mudanças mais perceptíveis do ensino presencial ao remoto

Para os docentes de Geografia o que mais mudou perceptivelmente do ensino presencial ao virtual foi *“a falta de contato e da interação com os estudantes”* (P1); *“a participação, pois nem todos tinham acesso à internet, onde para estes preparávamos as atividades para eles pegarem impressas na escola, na qual se tivessem alguma dúvida poderiam entrar em contato conosco para um melhor esclarecimento, através do WhatsApp ou ligação”* (P4); *“a participação dos estudantes nas aulas remotas, onde percebemos um processo de aprendizagem ganhando um alcance sem precedentes, nunca antes pensamos que a sala de aula fosse alcançar o lar dos estudantes”* (P5). Estas respostas compartilham do mesmo sentido, nas quais o principal impacto foi a falta de

participação nas aulas remotas, muitos por faltas de acesso e sendo necessário recorrer a outros métodos, como as atividades impressas.

Para P2 o que mais mudou nesta perspectiva foi *“Os alunos tinham grandes dificuldades para compreender assuntos relacionados a área física da Geografia [...]”* e ainda ressalta que *“[...] Em 2021 isso piorou, pois, muitos estudantes que chegaram não tinham o mínimo para compreender unidades, como: clima, relevo, biomas, entre outros. Essa defasagem dificultou o avanço do ensino juntamente a carga horária ser insuficiente para repor conteúdos de outra série e até mesmo para cumprir o calendário letivo”* (P2). E como a Geografia é uma ciência que precisa do campo para ser estudada e analisada, P3 afirma *“Teoricamente o campo geográfico aborda as concepções da dinâmica socioespacial, nesse sentido foi desafiador trabalhar a Geografia sem práticas em campo”*.

Para (Santo; Dias-Trindade, 2020), a única solução para que a educação não parasse foi executar a transição das salas de aula presenciais para as virtuais, para não deixar milhões de estudantes sem a chance de construir sua formação. Os autores afirmam que o modelo de aulas remotas adotado possui suas limitações, mas permitiu a continuidade dos estudos em meio a um contexto pandêmico. Os professores ressaltaram pontos positivos e negativos nesta adaptação.

Os positivos foram que estruturei um local da minha casa com tudo que eu precisava, o negativo é que foi absolutamente tudo custeado por mim (P1);

Foi tranquilo a adaptação de um ambiente reservado, pois já tinha um quarto de estudos. Pontos positivos: Ao final do expediente não precisar se locomover de uma cidade para outra, o que é bastante cansativo. E a junção das turmas acabou poupando bastante a repetição de fala. Pontos negativos: O trabalho sempre está online no celular e os documentos para preencher (P2).

No meio do processo surgiram algumas implicações no *home office*, mostrando que imprevistos poderiam acontecer a qualquer momento e até com mais frequência. Para P3 foi *“uma tarefa extremamente desafiadora, devido a barulhos externos (gato, cachorro, papagaio, mãe, pai, avó etc.), além do argumento citado, a estrutura residencial não favorecia ao desenvolvimento de uma excelente aula”*.

Contudo, algumas respostas convergem e outras divergem em meio as dificuldades na modificação do espaço de trabalho. Para P6, a rotina foi bastante alterada devido ao *home office*, o (a) docente ressalta que

Bem, tinha os horários da aula on-line e daí eu tinha que me adaptar uma hora antes da aula. Procurei um local silencioso e foi meu quarto. Ponto positivo: que os estudantes apesar desse acontecimento, eles tinham acesso. Ponto negativo: É fazer de sua casa ou seu canto particular, sua sala de aula, tendo que muitas vezes não dar atenção aos filhos, ficar presos diante de um

computador. E que muitos estudantes não tinham acesso devido às questões financeiras de cada um (estudante) (P6).

As adversidades e limitações enfrentadas pelos docentes neste contexto de mudança durante a pandemia, resultou que a maioria deles preferissem a volta das aulas presenciais. Por mais que as plataformas digitais e recursos tecnológicos facilitassem em alguns pontos, como uma maior disponibilidade de materiais didáticos para aulas, as dificuldades em meio a esse processo não foi muito prazerosa.

4.2.2 Disparidade no acesso às tecnologias

Para Costa e Nascimento (2020), as desigualdades no Brasil foram ainda mais evidenciadas após as transformações na educação com o ensino remoto emergencial, nos quais alguns aspectos se tornaram ainda mais visíveis, como a desigualdade social, tecnológica e econômica.

Os professores (as) foram questionados sobre a desigualdade nas escolas que eles trabalham, se foi algo muito abrangente e se a falta de recursos tecnológicos dificultou no acesso às aulas. *“Houve falta de acesso à tecnologia por parte dos alunos e inclusive dos professores”*, conforme destaca P3, atestando que a falta de ferramentas tecnológicas envolveu todos os participantes do processo. Os educadores entrevistados também citam as complicações enfrentadas pelos educandos.

Sim, os alunos que não tinham telefone ou internet tinham que recorrer a documentos impressos criando uma distância entre o aprendizado de quem assistia as aulas on-line os que não tinham acesso (P2);

As maiores dificuldades foi envolver todos os estudantes nas aulas remotas, pois devido as condições financeiras, grande parte dos estudantes não participaram das aulas remotas[...] (P4);

Sim, devido nem todos terem acesso à internet, onde para estes as atividades eram disponibilizadas impressas [...] (P5);

Sim, sim. A falta de estrutura para os estudantes como o celular, notebook, Wi-Fi, que nem todos tinham condições, só alguns que tinham acesso. As questões econômicas de cada família são bem diferentes umas das outras, são bem desiguais (P6).

Diante dessa imensa desigualdade no cenário educacional brasileiro, P1 ressalta desafios futuros que serão enfrentados na escola. *“Acredito que a maior dificuldade ainda vamos continuar enfrentando durante alguns anos, a defasagem dos que tinham os recursos tecnológicos, contra os que foram aprovados sem ao menos fazer uma única atividade”* (P1). Lenz et al. (2020) ressaltam que em meio a realidade complexa do Brasil, as soluções que foram apresentadas como imediatas se tornaram fragmentas

e limitadas, necessitando por outras soluções que resolvessem a brecha que ficou aberta nesta problemática.

4.2.3 Medos e receios que foram enfrentados na profissão

“O impacto psicossocial possui elementos associados à pandemia e também ao grau de vulnerabilidade presente na vida da pessoa” (COSTA *et al.*, 2021, p.84). Em meio a tantas notícias negativas do ano de 2020 até agora, foi inevitável sentir medo, receios, angústias tanto por si, quanto pelos outros a nossa volta. Além de todas as dificuldades materiais, sociais e econômicas, também surgiram grandes preocupações com o psicológico das pessoas em isolamento. Para os docentes foi bem complicado porque existiram responsabilidades bem maiores neste tempo de adaptação da educação na pandemia.

Os professores entrevistados citaram quais foram seus maiores receios nesta fase, principalmente em relação a aprendizagem dos alunos que estavam em risco. “*Meu maior medo foi não conseguir repassar aos estudantes todo o currículo planejado. E não manter o nível de aprendizagem igual ao ensino presencial*” (P4); “*Abrir uma sala virtual e saber que muitos estudantes não tinham internet, celular ou computador para acompanhar as aulas*” (P1).

Somados com outras preocupações, como “*cobranças pedagógicas além dos limites, alunos sem acesso as aulas, aluno sem acesso à tecnologia (por uma questão de desigualdade*” (P3). “*Achava que não iria acabar esse tipo de ensino, não se aprende muito bem*” (P6). Então, o ensino remoto emergencial foi tido como incompleto, devido principalmente a falta de acesso de todos os estudantes e por falta de atenção de alguns. Entretanto, não se pode concluir que o aprendizado em relação aos novos recursos tecnológicos tenha sido irrelevante; pelo contrário, com a volta das aulas presenciais eles poderão ser utilizados de várias maneiras contributivas.

Além dos medos e receios, P2 ressalta indignação pela desvalorização da classe docente:

As diferenças sociais entre os alunos, a falta de apoio dos responsáveis na educação dos seus filhos e a desvalorização/terceirização do professor, visto que a mídia por vezes nos trata como obsoletos. E o aumento de estudantes filmando seus professores, principalmente em aulas que envolve política, buscando coagir educadores, visto que nesse Governo foi inclusive pauta de implantação (P2).

Inclusive alguns docentes alegam que não obtiveram um bom suporte do Governo neste período de transição do ensino. “*Os chips e computadores só foram distribuídos*

esse ano (2022), ficamos dois anos utilizando apenas recursos próprios. Os cursos preparatórios muitas vezes não atendiam a realidade da escola como um todo” (P2). P1 diz que encontrou assistência entre os próprios colegas de trabalhos, onde um tentava ajudar o outro. Porém, alguns falam que

Sim, o Governo disponibilizou aos professores cursos de formação continuada em preparação às aulas remotas para que pudessem se adaptar a essa prática (P4);

Mais ou menos, pois como no início foi algo muito incerto e novo para todos, tivemos que providenciar nossos próprios meios tecnológicos [...]. Mas que ao passar do tempo o ensino foi ampliando, onde foi sendo disponibilizado formações continuadas e recursos para continuarmos o ensino (P5).

De acordo com os docentes citados, o governo se fez presente no acompanhamento das adaptações às Aulas Remotas Emergenciais. Porém, essa participação governamental foi no decorrer do processo, deixando os professores, no início da transição do virtual, na linha de frente, sem atributos (cursos de formação continuada) para lidar de forma mais efetiva ao ensino.

4.2.4 Perspectivas para volta às aulas presenciais em 2022

Sobre a volta às aulas presenciais em 2022, todos os docentes relataram que já estão em atividade, com novos olhares e perspectivas a respeito do ensino. *“O ensino presencial já está acontecendo. Estamos nos adaptando a essa volta da melhor forma possível, ainda tomando todas as medidas preventivas e retornando com novas práticas pedagógicas”* (P4). Com a tecnologia dentre os principais materiais a serem utilizados nas aulas virtuais, ela poderá ser uma forte aliada para a realização das metodologias ativas. Para isso, diversos desafios precisam ser vencidos, com a questão da conectividade nas escolas, disponibilização de recursos tecnológicos e que propiciem a colaboração entre a comunidade escolar para o maior alcance dos objetivos educacionais (PORTO; QUEIROZ, 2022).

“Na escola que eu trabalho as aulas presenciais retornaram 100% presenciais desde 25 de abril” (P1). As aulas presenciais retornaram para o Ensino Básico ainda no primeiro semestre de 2022, seguindo todas as precauções para evitar possíveis transmissões do vírus. Graças a vacina muitas pessoas conseguiram voltar às suas atividades cotidianas, correndo menos riscos, mas ainda assim seguindo os protocolos da OMS (Organização Mundial da Saúde). *“As aulas estão retornando à normalidade, embora ainda com a utilização de máscaras por parte de alguns alunos e profissionais”* (P3).

Sim, voltamos e está sendo animador, devido o contato direto com os estudantes, vejo que cada dia eles se sentem mais ativos nas aulas, questionando, trazendo suas vivências, às vezes, até mesmo perguntando sobre questões da atualidade, direcionando debates que alimentam a minha alma de esperança nessa profissão que escolhi (P2).

Voltar as aulas presenciais gera bastante expectativas nos docentes de Geografia, tanto para voltar a ter um contato maior com os estudantes e retornar as aulas de campo, quanto para dinamizar as aulas com as plataformas digitais, não deixando de lado as tecnologias da informação e comunicação utilizadas no ensino remoto, que de toda forma, aproximam o conteúdo geográfico do real e da vivência cotidiana dos estudantes atualmente. Porém, como já havia sido previsto, muitos educandos não puderam acompanhar as aulas remotas, conseqüentemente ficando atrasados na aprendizagem. “[...] Claro que devido a pandemia o déficit de ensino para muitos estudantes foi enorme, mas neste retorno estamos tentando amenizar estes impactos, buscando sempre um ensino de qualidade para nossos estudantes” (P5); “Lentamente revendo os conceitos da Geografia, pois os estudantes ficaram meios esquecidos da linguagem geográfica e de todas as disciplinas entre si” (P6).

A utilização de novos recursos para o ensino de Geografia, resultou em muitos ganhos para a ampliação do conhecimento, visto que, a Geografia abrange todos os pontos físicos e humanos no mundo e através da tecnologia é possível aprender muito sobre eles. Por mais que, com as limitações do Ensino Remoto, não foram todos os estudantes e professores que conseguiram fazer uso dessas novas ferramentas, o que resultou em atraso no ensino e aprendizagem. Porém, com a volta às aulas presenciais, este problema pode ser solucionado aos poucos, contanto que haja mais investimentos na área de informática nas escolas e cursos preparatórios para os professores desenvolver suas habilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Coronavírus começou a se espalhar no Brasil no ano de 2020, causando pânico na população e resultando no isolamento social. Ainda hoje, no ano de 2022, este vírus continua infectando as pessoas, porém, com a vacina contra a Covid-19, o número de casos de infecção e de mortes diminuíram rapidamente, o que gerou um impacto muito positivo para toda a sociedade.

Com as rotinas voltando a normalidade, as escolas retornaram as atividades presenciais, seguindo o protocolo sanitário para proteção coletiva, como, por exemplo, evitar aglomerações, sinalizar rotas na escola para que os alunos mantenham distância, uso constante de álcool em gel etc.

O Ensino Remoto durou basicamente 2 anos, mas a maioria dos docentes e estudantes já estavam ansiosos pelo retorno presencial, visto que, o contato e as interações não são as mesmas à distância e muitos estudantes acabaram saindo com déficit no aprendizado, devido a alguns fatores socioeconômicos, emocionais ou por falta de vontade e incentivo

Nesse processo de adaptação a modalidade remota os professores enfrentaram dificuldades, como a incorporação da sua casa como ambiente de sala de aula, sobrecarga na rotina, adaptação a novas metodologias de ensino que se adequassem ao formato das aulas *on-line*, entre outras. Todavia, foi possível constatar também, que a adaptação ao espaço virtual e o uso de diferentes recursos tecnológicos resultou em uma amplitude de novos conhecimentos e metodologias que podem ser aplicadas no ensino presencial também, principalmente plataformas de ensino que aproximem ainda mais os estudantes e os professores da realidade espacial, como o *Google Earth*, por exemplo, tornaram ótimas estratégias de ambientes de ensino improvisado e profissional, para reuniões, para reposição de aulas, para apresentações e afins.

O cenário vivenciado nesse período pandêmico também evidenciou a necessidade de políticas públicas direcionadas para uma efetiva inclusão digital nas escolas públicas, não apenas para reduzir as disparidades existente no acesso aos meios digitais para alunos e professores, mas para que a educação acompanhe as mudanças do nosso tempo presente.

No geral, o trabalho conseguiu atingir seu objetivo de analisar e discutir sobre os desafios enfrentados pelos docentes de Geografia do Ensino Básico da cidade de Sapé-PB, contribuindo para discussão da temática que abrange as áreas do Ensino, da Geografia, da Pandemia da Covid-19, das Aulas Remotas, e os resultados que se aplicam

a realidade enfrentada por cada professor (a) mediante a este processo da transformação da educação.

REFERÊNCIAS

A Constituição e o Supremo. **Supremo Tribunal Federal**. Disponível em: <<https://constituicao.stf.jus.br/>>. Acesso em: 14/07/2022.

BACICH, L. Ensino híbrido: muito mais do que unir aulas presenciais e remotas. **Inovação na educação**, 2020. Disponível em: <<https://lilianbacich.com/2020/06/06/ensino-hibrido-muito-mais-do-que-unir-aulas-presenciais-e-remotas/>>. Acesso em: 05/05/2022.

BARROS, Fernanda Costa; VIEIRA, Darlene Ana de Paula. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.1. Curitiba, 2021, p.831.

CABRAL, Tatiane; COSTA, Enio Silva da. A pandemia e as aulas remotas: a reinvenção da prática docente. Org.: RIBEIRO, M. S. de S.; SOUSA, C. M. M. de; LIMA, E. S. **Educação em Tempos de Pandemia** – registros polissêmicos do visível e invisível. Petrolina – PE, 2020, p.51.

CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de geografia. **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica, 2011, p. 10.

CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro de; GENGNAGEL, Claudionei Lucimar. Ensino de Geografia em Tempos da Covid-19: tecnologias e uso de plataformas de educação para o ensino remoto em Ribeirão Preto/SP e em Passo Fundo/RS. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10. 2020, p.88-92.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3ª edição. São Paulo, 2010, p. 16-43.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Livro didático em Geografia: recurso/suporte ao trabalho docente autônomo do professor ou apêndice da política educacional oficial?. In: SPOSITO, Eliseu Savério et. al (Org.). **A diversidade da geografia brasileira**: escalas e dimensões da análise e da ação. Consequência - RJ, 2016, p. 337.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O trabalho do professor de geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. Org.: ASCENÇÃO, Valéria; VALADÃO Roberto; GAUDIO, Rogata; SOUZA, Carla. **Conhecimentos da Geografia**: percursos de formação docente e práticas na educação básica. Belo Horizonte, 2017, p. 103.

CNN BRASIL. “Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef”. <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef/>>. Acesso em: 01/07/2022.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O Impacto da Pandemia na Educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. 2020, p.5-6. Disponível em: <<http://oscardien.myoscar.fr/jspui/handle/prefix/1157>>. Acesso em: 09/07/2022.

COSTA, J. de A.; MACHADO, D. de C. P.; COSTA, T. de A.; ARAÚJO, F. da C.; NUNES, J. C.; COSTA, H. T. S. da. Dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v.1. 2021, p.84.

DIAS-TRINDADE, Sara; CORREA, Joana Duarte; HENRIQUES, Susana. O Ensino Remoto Emergencial na Educação Básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.13, n. 32. 2020, p.8.

Educa IBGE. “Uso de Internet, Televisão e Celular no Brasil”. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-Internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em: 08/06/2022.

FERNANDES, A. F.; MAGALHÃES, T. M.; MAGALHÃES, L. H. de; FERNANDES, A. F. Aulas remotas: os desafios e potenciais de um novo modo de ensinar utilizando tecnologia. **CIET- Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**; EnPED- Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. 2020, p.6.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. **Record**. Rio de Janeiro, 2004, p.105.

IBGE. Portal do Governo Brasileiro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sape/panorama>>. Acesso em: 15/07/2022.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). **Presidência da República - Casa Civil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 18/07/2022.

LENZ, Ana Carla; KIEFER, Ana Paula; BRINCO, Lucian Armino da Silva; BATISTA, Natália Lampert. Os Cenários da Pandemia: a Geografia, o Ensino Remoto e a Escola. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, v. 21, n. 2. Santa Maria, 2020, p.267-268.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érika Vanessa. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.37, v.2. 2015, p.31.

MACÊDO, Rebeca Carvalho; MOREIRA, Kaline da Silva. Ensino de Geografia em tempos de pandemia: vivências na escola municipal professor Américo Barreira, Fortaleza - CE. **Revista Verde Grande - Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 2. 2020, p.75.

MORETTI, Sarah de Andrade; GUEDES NETA, Maria de Lourdes; BATISTA, Eraldo Carlos. Nossas vidas em meio à pandemia da Covid-19: incertezas e medos sociais. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva**. Faculdade São Paulo – FSP, 2020, p. 34-36.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19?. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1. 2021, p. 4-12.

PAULILO, M. A S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v.2, 1999, p.135.

PNAD CONTÍNUA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua). **Todos pela Educação**. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>> Acesso em 01/07/2022.

PORTO, Paulo Alves; QUEIROZ, Salete Linhares. Transformações na escola após o período de isolamento social. **Quím. nova esc.** – Vol. 44, N° 1, p. 3. São Paulo-SP, 2022, p.3.

PRATES, M. C. F.; PEREIRA, M. D.; ÁVILA, M.; BRESSAN, N. P. C.; SANTOS, J. Proinfo: Uma crítica ao uso das tecnologias no Ensino da Geografia. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, vol. 6, núm. 11. Fortaleza, 2015, p.15-16.

Protocolo Novo Normal para a Educação da Paraíba PNNE/PB. **Secretaria de estado da educação e da ciência e tecnologia**. Governo do estado da Paraíba. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr1/atos-e-publicacoes/roteiros-e-manuais-1/infografico-gt-educacao/protocolo-para-a-educacao-seeduc-pb.pdf>>. Acesso em: 26/07/2022.

PUJOL, Leonardo. “Coronavírus: menos aulas presenciais, mais EAD”. **Portal Eletrônico Desafios da Educação** [12/03/2020]. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br>>. Acesso em: 26/05/2022.

REIS, Nelio; OLIVEIRA, Cristina Corrêa; ANDRADE, Alequexandre Galvez de. Covid-19 e o calendário escolar brasileiro: medo e frustração. **Revista Inovação Social**. São Paulo, 2020.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid-19. **Revista Tamoios**, Especial COVID-19. São Gonçalo-RJ, 2020, p.4.

SANTO, Eniel Espírito; DIAS-TRINDADE, Sara. Educação a Distância e Educação Remota Emergencial: aproximações e distanciamentos. In MACHADO, Dinamara (Org.). **Educação em tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores**. 1. ed. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020. p. 143.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15. 2020, p.13-18.

SILVA, Paula Ferreira Tomaz; BATISTA, Aline Antunes Ribeiro; TROTTA, Leonardo Monteiro. Impactos na saúde socioemocional dos educadores durante a pandemia de Covid-19. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação** (online), v.5. Rio de Janeiro, 2020, p.82.

SILVA, Renildo Franco da; CORREA, Emilce Sena. Novas Tecnologias e Educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea. **Educação & Linguagem**. 2014, p.26.

STEVANIM, Luiz Felipe. Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **Radis**, n.215. 2020, p.11.

STORINO, Fábio. “Em 2021, 82% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet”. **O Tempo** [21/06/2022]. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/brasil/em-2021-82-dos-domicilios-brasileiros-tinham-acesso-a-internet-1.2687003>>. Acesso em 01/07/2022.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. 1979, p.12-25. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo, Editora UNIESP, 2005.

APÊNDICES

ROTEIRO DAS QUESTÕES DA ENTREVISTA

Perspectivas dos docentes sobre o Ensino de Geografia durante a pandemia da Covid-19

- 1- Diante de todas as transformações causadas no mundo com o início da pandemia da Covid-19, qual foi a mudança que marcou mais sua trajetória de educador (a) neste processo e como foi sua adaptação ao Ensino Remoto?
- 2- Sobre o Ensino de Geografia em sala de aula, o que mais mudou perceptivelmente do ensino presencial ao virtual?
- 3- Como foi a tarefa de adaptar sua casa - que é respectivamente seu ambiente de descanso -, para o seu novo local de trabalho? Quais foram os pontos positivos e negativos?
- 4- Para você, quais foram seus piores medos/receios na sua profissão de educador (a) durante a pandemia da Covid-19?
- 5- O ensino a distância e as circunstâncias da pandemia mostraram ainda mais as desigualdades sociais e econômicas entre os estudantes do Brasil. Na escola que você trabalha, essa desigualdade e falta de acesso a recursos tecnológicos ficou muito evidente? Se sim, quais foram as maiores dificuldades?
- 6- Você acredita que os professores e professoras do ensino básico, tiveram um bom suporte do governo (com cursos preparatórios, disponibilização de recursos tecnológicos e didáticos etc.) neste período de adaptação às aulas remotas?
- 7- Você precisou adaptar ou modificar por completo seus planos de aula de Geografia? Se sim, quais foram as modificações necessárias?
- 8- No ano de 2022 as aulas presenciais foram voltando aos poucos a ativar por todas as escolas do Brasil. Na escola que você leciona, o ensino presencial já voltou a acontecer? Se sim, como está sendo essa volta às aulas? Se não, quais os motivos que implicam para não terem voltado?